

PROPRIETARIO E DIRECTOR, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARAES

PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

TERÇA-FEIRA 6 DE AGOSTO DE 1878

GUIMARAES 4 DE AGOSTO

Eleições

Decididamente estamos no ultimo grau de nossa decadencia; retrogradamos a largos passos aos ominosos tempos de *el-rei nosso senhor*.

Não admira: os nossos pretores de hoje, que tudo subjugam e corrompem, são os successores directos d'aquella barbaresca geração.

Os cartorios ainda andam peçados dos ensanguentados processos de meras perseguições e tyrannia com que atrophiam o povo, e com os quaes podemos justificar a terrível herança que os seus maiores lhes legaram.

Não ha estabilidade e confiança nas instituições que nos regem e assim se poderá explicar a descrença e abandono que lavra em todas as classes do publico vimaranense, a ponto de desprezar a sua melhor prerogativa—o suffragio.

O suffragio! Quem não sabe como os nossos pretores o falseiam, corrompendo a

consciencia e independencia do eleitor?

Este, quando não cede ás promessas ou ao suborno, cede ás violencias e oppressões da auctoridade.

Se não é aqui que estes factos degradantes estão envergonhando a soberania popular, porque a abstenção da opposição não lhes deu ensejo, é no Porto, é em Braga, em Vianna, e em outros districtos do reino, que os satellites da restauração vêem fugir-lhes, como de um leproso!...

Aqui em Guimarães a urna esteve completamente deserta de eleitores, ou antes estes desertaram d'ella, inclusivamente os que se dizem amigos da auctoridade, e assim não teve esta que exercer o despotismo e tyrannia que no caso inverso, não vacillaria pôr em pratica, como nas anteriores eleições!

De sorte que, a despeito dos *oito mil* cidadãos recensados n'este concelho, a *chupa official* tal qual está constituida, vingará por uma mi-

lesima parte de votos, se tanto!

Bonita e edificante eleição dos executores do novoCodigo Administrativo, cujas disposições tendem a arrancar a pelle dos pobres contribuintes!...

Regosijem-se os nossos pretores por tão assignalada victoria que alcançaram da urna, enquanto os eleitores sensatos contemplan o futuro que os espera e meditam sobre os meios porque se hão de libertar do pesado e importuno fardo que o governo dos penitenciados lhes lançou aos hombros!...

A hora soará e não será o povo responsavel por uma situação agitada e de sérios perigos, que os falsos amigos da dynastia estão precipitando por todos os modos.

Só myopes não a vêem, só os surdos não ouvem os geraes clamores do povo contra o cabralino e nefasto governo que o espesinha e vexa com gravosos tributos, em vez de o auxiliar e elevar no conceito das nações, que é a

missão dos governos patriotas inteligentes e honestos.

A hora soará e será terrível para os factores da desgraçada situação que prepararam ao povo e por conseguinte á nação, de quem são os mais cynicos algozes.

Esperem que não é tarde.

Depois da eleição, a convulsão popular.

Seremos ruim propheta? Vel-o-hemos.

O nobre conde de Margaride

Sem commentarios, damos em sua integra os seguintes esboços para a historia do illustre titular que encontramos nas folhas da cidade invicta, d'onde se diz governador civil. Eil-os:

O GOVERNADOR CIVIL DE FACTO E O DE DIREITO. — Parece que o desengano vae chegando ao illustre chefe do districto. Já o governador civil de facto alli declara que se não deve a elle, mas ao sr. conde de Margaride e aos in-

fuentes do partido, que obrigaram o sr. Fontes a dar o seu passeio ao norte, a triste lembrança de tentar batalha na eleição administrativa do Porto. O sr. Bento de Freitas sacode a agua do seu capote e deita-se no regaço do sr. conde de Margaride. Deve comprehender o nobre conde que lhe fizeram representar um papel ridiculo. De nada lhe serviu a lição em Braga. Não tem a responsabilidade de facto mas fica-lhe a de direito. Aqui, como na capital do Minho, entregou-se nos braços de falsos amigos, deixou-se guiar e embaiu-se de promessas vãs. Se venesse, roubavam-lhe a gloria, attribuindo-a a si proprios. Como ha de soffrer monumental derrota, todos querem, como Pilatos, lavar d'ahi as mãos, e deixal-o só com a sua responsabilidade legal. E' logico, mas causa lastima e dó! Desengane-se; vá para a sua casa; deixe ao menos a responsabilidade da má sorte da futura eleição de deputados aos que o metteram em camiza de onze varas. E' pena que

(8) FOLHETIM
CLEMENCE ROBERT

O PAE E A FILHA

VERSÃO DE SOUZA RIBEIRO

A SIMAS MACHADO

Distincto aspirante a official do exercito

IV

O capitão Montbrun estava mais mudado do que notava sua filha, joven criança inhabil para lér sobre o rosto os segredos da alma.

Consumia-o uma febre intensa, e n'aquelle cerebro ardente succediam-se umas perturbações violentas. Durante o dia esforçava se por occultar á filha e á gente do castello as suas profundas agonias, mas, fatigado por este combate, de noite, aproveitava as horas da solidão para soffrer em liberdade. Errava pelas dezertas galerias do castello e pelas mais sombrias ruas do jardim. Se fosse possível examiná-lo, examiná-lo-lhe-hia uma oppressiva tristeza, dominada sobretudo por erueis terrores.

Havia quinze dias que tinha abandonado Paris, e dir-se-lhe que o capitão, n'este curto intervalo de tempo, havia envilhecido vinte annos.

Só na doce figura de sua filha, só na meiga Julieta encontrava o militar um pouço de socego.

N'esta tarde estava o capitão à janella, esperando que alguma briza benéfica lhe apagasse o fogo que lhe escaldava as veias.

O velho militar julgou o seu espirito invadido pela dôr da febre e passou a mão pela fronte, como que querendo occultar incessantes perturbações.

N'um d'estes momentos os seus olhos deparavam com o vulto de Julieta que atravessava o jardim.

Persuadido que a presença d'aquelle ente estremecido seria um balsamo suavissimo para as suas dôres, o velho militar encaminhou-se em direcção ao jardim com o proposito de se encontrar com sua filha.

O capitão, que julgava estar muito proximo de Julieta, deixou em breve de sentir os passos da filha; entrou n'uma rua do jardim onde havia julgado ver o vestido branco de Julieta e assim caminhou, já meio envolvido pelo crepusculo, sobre um tapete de relva, que abafava o ruido dos seus passos.

Um pouco distante escotou um leve ruido contra a folhagem e disse:

—E's tu, minha filha?

Apenas teve tempo para concluir. O capitão Montbrun estava em frente do conde de Paulmy.

Julieta já estava longe, pois que não tendo visto ninguem no jardim havia-se retirado.

Em frente do seu hospede, o capitão recuou contra vontade alguns passos.

—Admiraes-vos de me encontrar, capitão Montbrun,—disse o conde com um acento alegre mas que tinha alguma coisa d'estranho. Nada mais natural, ergui-me do leito e venho visitar este jardim que me pertence.

—A vós... senhor!... disse o capitão com voz tremula.

—Sabeil-o muito bem,—tornou o conde, a menos que para me roubardeis isto tudo, vos não aproveitais das sombras do crepusculo para me assassinares, como ha pouco tempo fizestes, sobre um caminho deserto... mas d'esta vez deveis ter mais cuidado em que o golpe seja mais seguro.

A estas palavras do conde seguiu-se um silencio lugubre. Depois Montbrun disse com uma voz surda, quasi inintelligivel:

—Oh! vós recusastes bater-vos comigo.

—E' verdade, recusei,—disse o joven official. Não quiz bater-me porque me queria vingar, e vingar comigo o nobre exercito francez que vós deshonraes... Não tive tempo de esclarecer a nossa posição depois da nossa volta d'Allemanha, senhor; não é preciso que eu o diga, a vossa consciencia ha-de ter-vos demonstrado

toda a indignidade do vosso procedimento. Será preciso que eu vol-o recorde?

E' facil de comprehender quanto Montbrun anciava por se esquivar a esta dolorosa conversação ou poder, pelo menos, responder com linguagem altiva, como o conde Paulmy.

Uma força invencivel o conservava preso ao solo, e aquelle peito, que tantos combates havia sustentado, não podia arquejar.

—Quando, passados dois meses depois do terrível assalto, disse o conde, os nossos canhões tinham finalmente abalado as muralhas da fortaleza de Fridberg, ás dez horas e um quarto da noite, vós, ajudado pelos vossos couraças fumegantes, escalaveis estas muralhas envoltivas n'uma noite sombria e os pharoes cahiam como os homens n'um lago de sangue. Ao caminhar por aquella plata-forma,—montão de destroços e cadaveres, ainda ribombavam os últimos tiros da artilheria inimiga; á luz d'estes relampagos bronzeados, deparou-se-vos o meu vulto, senhor! estava alli eu! e havia penetrado na fortaleza primeiro do que vós!

Montbrun, pallido, aterrado, apoiou-se no tronco d'uma arvore proxima.

—En estava lá, tornou o conde. Uma brecha, aberta por um outro lado da fortaleza, havia-me franqueado a passagem, e á frente

dos meus soldados, foi eu o primeiro assaltante!

A estas palavras do conde seguiu-se um silencio profundo.

—O general Chabrol,—volveu o conde, viu-me penetrar na fortaleza. Seguiu os meus passos, pôz entre balas e pedras desmoronadas... O general estava ferido de morte. No entanto ainda teve tempo para escrever algumas linhas, nas quaes, julgando a importância da tomada de Fridberg, d'onde talvez dependia o destino da guerra, affirmava que fui eu o primeiro homem que penetrou na fortaleza estabelecendo assim aquelle feitor d'armas, unicamente devido á minha felicidade e á minha coragem. O general expiroo sobre as muralhas conquistadas. E vós, senhor Montbrun, voltaveis d'alli a pouco para França, pedindo a recompensa promettida ao soldado mais ouzado... Mentis, dizendo que essa recompensa vos pertencia.

Mas o general Chabrol morreu... que importa mentir quando não podemos victoriosamente confundir os nossos camaradas? Auxiliado por um amigo poderoso, o rei concedeu-vos o título promettido, sob a única lé da vossa palavra.

(Continúa.)

quem podia desempenhar papel tão altaneiro e tão respeitável se veja cahido no ridiculo e no abandono. Ao menos não se comprometta mais. Retire-se a tempo, sem que lhe enlameem o nome. Do inimigo o conselho.»

(P. de Janeiro.)

«As distrações do sr. governador civil.—O nobre conde de Margaride, intitulado governador civil do districto do Porto, vai hoje ter um dia divertido, um dia de gloriosa politica para illuminar a sua coroa de nobreza. Desfilam os batalhões cercados da urna, e s. ex.ª vai saber, depois de tão suadas canceiras e de tão custosas humilhações do poder que representa, comprometido pelos que põem e dispõem d'elle por traz da cortina, quantos são os amigos do governo que o mettem n'estas dansas.

S. ex.ª já ante-hontem se dignou dar o seu passeio rua abaixo de Santo Antonio, antes que no theatro Baquet se assoprasse ao entusiasmo regenerador, um todonada arrefecido. Hoje, tomando o pulso á opinião publica no periodo algido da febre, á bocca da urna, certificar-se-ha d'aquelle bom e velho dictado—que não se póde ser juiz com laes mordomos.

As visitas do sr. conde de Margaride á alfandega é impossivel que não tenham pesado na alma briosa de s. ex.ª O sr. Bento de Freitas, pretextando urgencias de serviço e dificultando o accesso ao nobre titular, faz gala em que todos vejam como s. ex.ª póde estar, em escala politica, muito abaixo de um grande conselheiro director.

Deixe-se d'isso, sr. conde, que nem por dependencia, nem pela gloria vã de mandar, precisa assim abater-se. A sua fortuna garante-lhe uma posição social distincta e dignissima. O rastejar na lama politica, pertence a quem necessita d'esses meios para elevar-se.

A verdade do que lhe temos dito vai ser confirmada com o resultado d'hoje. A culpa será d'outros e a responsabilidade será sua. E depois d'este solemne desengano ainda lhe sobrarã vontade para continuar a partida?»

(Mem.)

«O sr. de Margaride.— Quem, ao vê-lo, não o julgará, como nós o julgamos: um magico; uma sombra de mestre Bento (sem allusão á sombra de Tinoco); um papa-fina? Pois se o crêram, illudiram-se, como nós. O ho-

mezinho trabalha por conta propria.

Trabalho não muito acceiado, diga-se a verdade: mas não é licito esperar demazias de limpeza do partido da porcaria.

Foi o caso, que um bom rapaz, ingenuo, patricio do digno titular, procurou s. ex.ª, vai em tres dias, a fim de pedir-lhe um empregozito, qualquer protecção, enfim, na qualidade de patricio.

Qual imaginam que foi a proposta do bom fidalgo?

Meditem, scissem.

E inutil procurar: não acertarão nunca.

O sr. de Margaride offereceu, nada menos ao seu patricio do que o logar de espião do partido regenerador.

E digam lá que a mão de mestre Bento Soares, — a mesma que fiscalizou o dinheiro dos pobres — não é o que se póde chamar mão de mestre!

Fazer do sr. de Margaride um... espertalhão de tal quilate é vencer a natureza.

Que EL-REI o saiba; que o sr. Fontes, o sub-chefe da tribu, o não ignore: o sr. de Margaride dá esperanças. Dêem tempo ao tempo e terão homem.»

Compendio de doutrina regeneradora

Para uso dos meninos e meninas na religião da Penitenciaría, e para aquelles, que, querendo-a seguir, não a souberem, a qual todo o regenerador para ser feliz e abiscoitar posta deve saber, crêr e entender.

LIÇÃO I

Pelo signal da santa cruz em palma, etc.

P.—Sois regenerador?
R.—Sim, por graça do Fontes.

P.—Quem é o Fontes?
R.—É um soberano e enfeitado senhor, que se arrebia e pinta para parecer moço, sendo já velho, creador do Campo de Manobras, das portarias surdas, das penitenciarías, e de todas as traficancias visiveis e invisiveis.

P.—Ha muitos Fontes?
R.—Não ha mais que um só.

P.—Onde está o Fontes?
R.—De dia na cama, na secretaria á noite, e em toda a parte onde é mister enganar o povo e apanhar-lhe dinheiro.

P.—O Fontes sempre foi?
R.—Sim, porque não teve bons principios, e não é de crêr que venha a ter bom fim.

P.—Para que nos creou o Fontes?

R.—Para o conhecermos, amarmos, e servirmos, applaudindo-o, festejando-o e dando-lhe vivas, n'esta vida de tromboias, delapidações e roubos, para que nos possamos encher, e gosarmos depois com elle, fóra do poder, o cédu dos empregos publicos, das honrarias sociaes, das penitenciarías e das misericordias.

P.—Quantas são as pessoas da trindade regeneradora?

R.—São tres: o padre que é o Fontes, o filho que é o Barjona, e o espirito infernal, que é o Corvo.

P.—E os outros ministros,

vão entrar na trindade regeneradora?

R.—Sim, por obra e graça do espirito da maroteira.

P.—E como entram elles na trindade regeneradora?

R.—O Sampaio com o padre, o Lourenço com o filho, e o Thomaz e o Serpa com o espirito infernal.

P.—O Fontes é um grande homem?

R.—Sim.

P.—O Sampaio é apostata, renegado e cynico?

R.—Sim.

P.—O Corvo é ave de rapina, e mulher de capote e lenço?

R.—Sim.

P.—O Serpa foi director da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, e ministro da fazenda ao mesmo tempo?

R.—Sim.

P.—E para que?

R.—Para dar á companhia uns poucos de contos de reis do estado.

P.—E era isso o beneficio da religião da penitenciaría?

R.—Sim, porque na religião da penitenciaría segue-se o principio de que—a caridade bem ordenada, por nós deve ser começada.

P.—Então a traficancia era só em proveito do Serpa?

R.—Sim, e do Fontes, nosso senhor.

P.—O Thomas é marau?

R.—Sim.

P.—O Lourenço concluiu a penitenciaría, e é o auctor das travessas?

R.—Sim.

P.—Pois são sete Fontes?

R.—Não, são sete maraus distinctos, e um só Fontes verdadeiro.

(Continua.)

Codigo administrativo

(Continuado do n.º 526)

TITULO VI

Das camaras municipais

CAPITULO II

Atribuições

Art. 104.º Como auctoridade policial do concelho compete á camara fazer posturas:

1.º Para a policia e dos caes e das aguas não navegaveis nem fluctuaes, das estradas, dos campos, da caça e da pesca nas aguas concelhias e particulares;

2.º Para o regimen e policia das aguas communs municipais;

3.º Para a policia dos vendilhões e adellos, ou sejam ambulantes ou tenham logares fixos;

4.º Para a limpeza das chaminés e fornos, e o serviço para a extincção dos incendios, e contra inundações;

5.º Para impedir a divagação pelas ruas de animaes nocivos;

6.º Para impedir que nas janellas, telhados, varandas se collocem objectos que ponham em risco a segurança dos cidadãos;

7.º Para regular nos termos da lei respectiva o prospecto e alinhamento dos edificios dentro das povoações;

8.º Para ordenar a demolição dos edificios arruinados, que porem em risco a segurança dos individuos ou das propriedades, procedendo vistoria e as mais formalidades requeridas pela legislação respectiva;

9.º Para prover á conservação e limpeza das ruas, praças, caes, boqueiros, canos e despejos publicos;

10.º Para regular a policia das feiras e mercados;

E em geral sobre todos os

objectos de policia tanto urbana como rural.

Art. 105.º Compete á camara, como auxiliar da execução de serviços de interesse geral e do districto, desempenhar a este respeito as funcções que lhe forem commettidas pelas leis e pelos regulamentos geraes e districtaes; e bem assim emitir voto consultivo em todos os assumptos de interesse publico, sobre que fór consultada pela auctoridade administrativa ou pela junta geral do districto.

Art. 106.º Não são executorias, sem prévia approvação da junta geral do districto, as deliberações das camaras municipais tomadas:

1.º Sobre os empréstimos, cujos juros e amortisação, sós de per si, ou juntos aos encargos de empréstimos já contrahidos, absorvam a decima parte da receita auctorizada no orçamento do anno respectivo;

2.º Sobre a apprehensão de empregados de estabelecimentos municipais;

3.º Sobre o lançamento de contribuições;

4.º Sobre os orçamentos ordinarios ou supplementares;

5.º Sobre o estabelecimento, suppressão, duração ou mudança de feiras ou mercados periodicos;

6.º Sobre os accordos celebrados com outras camaras para interesse commum;

7.º Sobre a aposentação de empregados;

8.º Sobre as posturas e regulamentos de execução permanente;

9.º Sobre a aquisição e alienação de bens immobiliaes e transacções sobre pleitos;

10.º Sobre a demissão de empregados e suspensão por mais de trinta dias;

11.º Sobre contractos para fornecimento e execução de obras quando a despeza annual resultante d'esses contractos, só de per si, ou junto á despeza annual com outros contractos semelhantes, absorver a decima parte da receita ordinaria da camara.

§§ Todas as mais deliberações das camaras municipais são executorias independentemente da approvação de qualquer outro corpo administrativo ou auctoridade.

(Continua.)

GAZETILHA

Fallecimento

Falleceu hoje ás 2 horas da tarde, com a idade de 82 annos, o reverendissimo sr. Francisco Rodrigues Cardoso d'Assis, arcepreste da freguesia e Real Collegiata d'esta cidade e irmão do reverendissimo sr. José Antonio Rodrigues Cardoso d'Assis, muito digno e prestimoso conego de esta cidade, a quem dirigimos os mais sentidos pezaes.

Feira de S. Gualter

Teve logar domingo passado n'esta cidade, a feira annual de S. Gualter, a qual esteve concorridissima, tanto de vespera como no dia, não obstante o tempo não ter corrido favoravelmente aos feirantes.

As barracas regorgitavam de povo, parecendo-nos que não foram infructiferamente armadas.

Não faltaram as classicas rifas e até jogos prohibidos pelas immedições do Campo da Feira, não obstante o sr. administrador por lá se mostrar bem como o futuro presidente da nossa camara.

Não se deu ordem alguma, e apenas foi effectuada a prisão de um individuo á requisição de auctoridade de fóra do concelho, prova da boa indole do nosso povo.

Ainda bem.

Correio

Não podemos deixar de insistir pelo restabelecimento do logar de carteiro que ha pouco supprimiram com grave prejuizo do publico, o qual se até aqui não tinha de que se regosijar do serviço, muito peor é agora feito, tornando-se sensivel a falta de pessoal.

Que em uma aldeia tenhamos de ir ou mandar á repartição do correio receber as cartas, explica-se; mas o que não se explica, o que é simplesmente atroz, é que em uma cidade como a nossa se vejam os cidadãos na mesma dura contingencia, se quizerem cartas a tempo ao menos, de accusar a sua recepção!

Pedimos, pois, providencias para um tal estado de cousas do nosso correio, ao sr. Agostinho da Rocha, digno director geral em cujo espirito de justiça muito confiamos.

Consortio

Hontem pelas 7 1/2 horas da tarde, na igreja do Carmo, contrahiram nupcias o sr. Joaquim Antonio da Cunha Guimarães, negociante d'esta cidade com a excm.ª sr.ª D. Maria de Belém d'Azvedo Freitas Machado, filha do sr. Joaquim José d'Azvedo Machado, digno director do Banco Commercial de Guimarães.

Desjamos aos nubentes uma feliz e longa lua de mel.

Exame

O nosso dedicado amigo e collaborador J. A. Nunes Ferreira, vem de fazer exame de telegraphista em Lisboa, do qual se sahio esplendidamente, sendo plenamente approvado.

Accete, pois, o nosso distincto amigo e sua excm.ª familia os nossos parabens por tal motivo.

S. Torquato

Segundo nos informam, já se acham concluidos os trabalhos scenicos para a representação do drama sacro de grande espectáculo S. Torquato de Guimarães, que deve subir á scena no proximo sabbado 10 do corrente.

Ouvimos dizer a pressoa de credito que esta peça é de bonito effeito, e que o guarda-roupa, encommendado no Porto a um dos melhores estabelecimentos d'este genero, dará um apparato e realce em tudo dignos da attenção dos vimaranenses.

E de esperar, pois, que os amadores de theatro não deixem passar desapercibido um espectáculo tão atrahente, para vermos coroados do melhor exito os esforços de quem muito tem trabalhado para o bom desempenho da peça.

E, já se despede!

O ratão do Ramiro, que pelos modos foi o que melhor cothetia fez na feira de S. Gualter, enchendo de inveja os collegas, exporá ao publico, segundo se vê do annunci no logar respectivo, a sua ultima colleção de vistas e venderá com grande abatimento as quinquoilherias que guardavam a sua barraca, visto que vai levantar ferro e seguir viagem para outra freguesia, onde irá pregar.

Pois que vá com Deus e que para o anno traga, se não melhor, igual sortimento d'essas tantas alegrias das crianças com que este anno as regalou (mediante os cofres das mããs) unica condicção de todos os Ramiros passados, presentes e futuros.

E, já se despede!

Obstrução de transit!

Na rua Nova de Santo Antonio, á frente á casa do sr. Francis-

co José da Costa, existe um mon-
tão de pedras que ficaram da obra
a que a camara actual ahi procedeu,
e que interrompendo o livre
transito, causa incommodo ao pu-
blico.

Pedimos, portanto, á nossa
municipalidade a remoção d'aquellas
pedras.

Publicações

Recebemos e agradecemos as
seguintes:

«O Occidente»—o n.º 45 d'esta
importante publicação quinze-
nal, ornada de finissimas gravuras
representando o rio Hued-Måksen
—D. Sebastião, estatua de Simões
d'Almeida—Visconde de Porto Se-
guro, Francisco Adolpho Varnha-
gen—Festejos do dia 24 de julho
em Lisboa, iluminação da Praça
de D. Pedro—Fachada da exposi-
ção da America Central e Meridional.

Texto:

Chronica occidental, por Gui-
lherme d'Azevedo—Macer-Kibir,
por Pinheiro Chagas—As nossas
gravuras—F. A. Varnhagen—A
escola, por Candido de Figueiredo.
—A perdz de cartão, por Gervasio
Lobato.

Como se deixa ver, esta im-
portantissima publicação cresce
cada vez mais de merecimento,
tornando-se merecedora do acolhi-
mento e favor publico.

«O Bombeiro Portuguez», fol-
ha quinzenal de interesses d'essa
benemerita associação, que se pu-
blica na cidade invicta.

«Esboços», publicação egual-
mente quinzenal, de litteratura, de
que é redactor principal Marianno
Pina.

O numero que temos em fren-
te não desmerece do merecimento
dos anteriores, cujos artigos tão
grande acceitação tem tido do
publico illustrado.

«O Sorvete», o numero 9 de
esta interessante publicação saty-
rica para fazer rir sem molestar,
que se publica na cidade da Vir-
gem.

«A Voz Escolar», publicação
semanal, de Villa Real, que não
desdiz do titulo que tomou, para
os seus varios e bem elaborados
artigos.

«O Clamor Popular», numeros
12 e 13 d'este illustrado hebdoma-
dario, ecco da opinião publica.

O numero 12 contém:
24 de julho—D. Baldomera—
A parada—A guarda—Chronica
eleitoral—Compendio de doutrina
regeneradora.

(Começamos hoje a transcre-
ver no nosso jornal, com a devida
venia, este interessante artigo.)

Contém o numero 13:
A maré enche—As eleições—
O governo—A eleição de Lisboa—
Compendio da doutrina regenera-
dora—Eccos.

«A Luz», publicação semanal
e politica, pelo auctor do periodi-
co o «Trinta Mil Diabos».

SAÚDE A TODOS sem me-
dicamen-
tos, nem despezas, com o uso da
deliciosa farinha de Saude.
REVALESCIÈRE
DU BARRY DE LONDRES

27 annos d'invariavel successo

Combatendo as indigestões
dispepsias gastica, gastralgia)
flegma, arrotos, amargor na boti-
ca, pituitas, náuseas, vomitos, ir-
ritação intestinal, hexas, diar-
rhea, disenteria, colicas, tosse,
asthina, falta de respirações, oppres-
são, congestões, mal dos nervos dia-

betes, debilidade, todas as desor-
dens no peito, na garganta, do ali-
to, dos bronchios, da bexiga, do fi-
gado, dos rins, dos intestinos, da
mucosa, do cerebro e do sangue,
85:000 curas entre as quaes, con-
tam-se: a do duque de luskov,
das excellentissimas senhoras
marqueza de Brehan duqueza de
Casti-stuart, dos excellentissimos
srs. Lod Staat de Decies, par d'In-
glatterra, o doutor e professor Wur-
zer, o professor e doutor Benecke,
etc. etc.

Cura n.º 65:311

Vervant, 28 de março, 1866.

—Senhor.—Bemdito seja Deus!
A sua *Revalescire* salvou-me a vi-
da. O meu temperamento, natural-
mente fraco, estava arruinado em
consequencia de uma horrivel dis-
pepsia que durava ha oito annos,
tratado sem resultado algum favo-
ravel pelos medicos, que declara-
vam que alguns mezes de vida me
restariam, quando a eminente vir-
tude da sua *Revalescire* me resti-
tuiu a saude.—A BRUNELIÈRE, cu-
ra.

Cura n.º 78:364

Mr. e m^{te} Leger, de doença
do figado, diarrhea, tumor e vo-
mitos.

Cura n.º 68:471

Mr. Pierre Castelli, abbade, de
prostração completa na cidade de
85 annos; a *Revalescire* remocou-
o. «Prégo confesso, visito os doc-
tes, dou grandes passeios a pé, o
sinto o espirito lucido e a memo-
ria fresca.»

Seis vezes mais nutritiva de
que a carne, sem esquentar, eco-
nomisa cincoenta vezes o seu pre-
ço em remedios—Preços fixos de
venda por miúdo em toda a pe-
ninsula.

Em caixas de folha de lata
1/4 kilo 300 reis de 1/2 kilo 800
reis, de 1 kilo 1\$400 reis; de 2
1/2 kilos 3/200 reis.

**Du Barry & C.ª (Lim-
ited)**—Place Vendôme 26, Paris;
77 Regent street, Vales; Londres
Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, drogus-
tas, mercieiros, etc. das provin-
cias devem dirigir os seus pedidos
ao Deposito Central sr. Cerzedel-
lo & C.ª, Largo do Corpo Santo,
16, Lisboa, (por grosso e miúdo)
Azevedo Fihos, praça de D. Pe-
dro, 31 e 32 Barra & Irmãos, rua
Aurea 12, orto, J. de Souza Fer-
ra & Irmão, rua da Banharia 77.

**DEPOSITOS ENTRE DOURO
E MINHO.**—Aveiro, F. E. da Luz
e Costa, pharm.—Barcellos, Anto-
nio João de Souza Ramos, pharm.
Largo da Ponte.—Braga, Domi-
gos J. V. Machado, drog., praça
Municipal, 17.—Antonio A. Perei-
ra Maia, pharm., rua dos Chãos 31.

—Pipa & Irmão, rua do Souto.—
Uiana do Castello, Affonso drog.,
rua da Picota; J. B. de Barros,
drog., rua Grande, 140.—Guima-
rães, A. J. Perreira Martins, pharm.
Antonio d'Arango Carvalho, Car-
valho, Campo da Feira, 1; José, J
da Silva, drog., Rua da Rainha, 29
e 32.—Penafiel, Miranda, pharm.
—Porto, M. J. de Sousa Ferreira
& Irmão, rua da Banharia, 77; J.
R. de Sequeira, pharm., Casa Ver-
melha; E. J. Pinto, pharm., Largo
dos Loyos, 86; Vinva Destré Ra-
bir, Rua de Cedofeita, 60; Fon-
tes & C.ª, drogs., Praça de D. Pe-
dro, 405 a 408; Antonio J. Salga-
do, Pharmacia Central, Rua de
Santo Antonio, 225 a 227.—Pon-
te do Lima, A. J. Rodrigues Bar-
bosa, pharm.—Povoas de Varzim,
P. Machado de Oliveira, pharm.—
Valença do Minho, Francisco José
de Sousa, pharm.—Villa do Conde,
—L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTO

MANOEL José da Silva
Balata, em extremo pe-

nhorado para com todas as
senhoras e cavalheiros que
se interessaram pelo estado
de saude de saude de sua es-
posa por occasião da sua en-
fermidade, D. Delfina Pires
Balaia, vem por este meio
agradecer-lhes e protestar-
lhes o seu eterno reconheci-
mento e profunda gratidão.

AGRADECIMENTO



Os abaixo as-
signados, não
lhes sendo pos-
sivel agradecer
pessoalmente a
todos os ill.^{mos}

e excm.^{os} srs. e excm.^{as} sr.^{as} qui-
se dignaram visital-o por occasião
do fallecimento de sua presada es-
posa, irmã e cunhada Carolina Ro-
sa do Nascimento Affonso Barbo-
sa, recorrem a este meio, para a
todos protestarem seu eterno agr-
decimento; e em particular agr-
decem ao ill.^{mo} sr. Manoel Fer-
reira de Abreu, que os obsequiou
com seus valiosos serviços. Gui-
marães 20 de julho de 1878.

Manoel Joaquim da Cunha
Antonio Serafim Affonso Barboza
Manoel Joaquim Affonso Barboza
José Joaquim Affonso Barboza
Anna Joaquina da Conceição Af-
fonso Barboza
Maria Augusta de Sá Barboza
Josephina Elvira Leão da Cruz
Barboza
Anna Roza de Jesus Barboza.

ANNUNCIOS

Ao publico

RAMIRO Machado Guima-
rães vem agradecer ao
respeitavel publico vimaran-
ense o benevolto acolhimen-
to que lhe fez durante o tem-
po que permaneceu com sua
barraca ao Campo da Feira,
em o qual estará até o dia 7
do corrente mez, para ter oc-
casião de expôr a sua melhor
ultima colleção de vistas
estereoscopicas, para que ain-
da ousa chamar a attenção
dos bons vimaranenses que
tanto o tem distinguido com
seus favores.

Aproveita desde já a oc-
casião de se despedir por este
meio, e offerece aos seus nu-
merosos freguezes o seu limi-
tado prestimo onde quer que
esteja.

Guimarães 4 de agosto
de 1878.

Companhia dos Banhos de Vizella

*Sociedade anonyma de respón-
sabilidade limitada*

São convidados os se-
nhores accionistas a pagarem
nesta cidade, a Antonio José
Ferreira Caldas no campo do
Toural n.º 38, até o fim do
corrente mez, a 4.ª prestação
de 10\$000 reis por acção.

Guimarães 4 de Agosto de
1878.

Os directores,

Antonio José Perreira Caldas,
Joaquim Ribeiro da Costa,
Antonio Peixoto de Mattos Chaves.

AO PUBLICO

ROZA Guilhermina do
Carmo Dias, tendo
concluido a sua carreira para
poder com approvação da Es-
cola Medico-cirurgica exercer
o cargo de parteira, cujo exa-
me satisfez plenamente, an-
uncia por este motivo a sua
residencia na Praça de São
Thiago, para todas as pessoas
a quem convier o seu presti-
mo.

Dinheiro a juro

QUEM pretender a quan-
tia de 1.700\$000 reis a
juro com hypotheca, falle com
o encarregado Francisco Jo-
sé Mendes Guimarães, em S.
Domingos.

CRIADA DE SALLA

NA redacção d'esta folha se
dirá quem precisa d'uma
criada de salla, de boas
qualidades moraes, e que sai-
ba engommar roupas de ho-
mem e senhora, bem como
prestar os demais serviços
proprios de uma familia.

Quem compra?

Vendem-se quatro mo-
radas de casas, sendo uma na
Caldeira com o n.º 38 que
foi de Francisco Henriques;
outra na rua Nova do Com-
mercio com o n.º 73, que foi
de José Henriques, e outra
na mesma rua com os nume-
ros 60 e 62, que foi de Anto-
nio Henriques, e ainda outra
na rua do Retiro com os nu-
meros 42 a 46, que foi do
mesmo. Quem as pretender,
dirija-se a Antonio Mendes Ri-
beiro ou a Manoel José Dias
Pimenta, d'esta cidade.

Arrenda-se

UMA morada de
casas com os
numeros 8 e 9, si-
tuada no Campo do Salvador.
Tem bom quintal, agua
de poço e um grande tanque
para lavar.

Quem a pretender diri-
ja-se a seu dono Agostinho
Dias de Castro.

AO PUBLICO

ABAIXO assignado, com esta-
belecimentos de hospedaria
em Vizella e Taipas, participa ao
publico que acaba de fazer acqui-
sição do muito apto e conceituado
Hotel dos DOUS AMIGOS, situado
no Campo de Sant'Anna, (frenteiro
ao jardim) um dos mais aprasiveis
e formosos locais da cidade de
Braga.

O annunciante, já de sobejo
conhecido de seus freguezes, não
se tem poupado a esforços para
que sejam plenamente satisfeitas
todas as pessoas que se dignem
honral-o com a sua concorrência.

Os hoteis nas Caldas de Vizel-
la e Taipas, tambem se acham si-
tuados nos mais bonitos sitios d'es-
sas povoações e decentemente mo-
bilis para receberem hospedes

toda a hora: o serviço correspon-
derá ao bom tratamento de seus
subordinados, pois que qualquer
d'estes hoteis está a par em tudo
e por tudo dos primeiros estabele-
cimentos d'este genero, já pela boa
cozinha de que seu proprietario é
exuberantemente conhecedor, co-
mo tem provado muitas vezes tan-
to n'esta cidade como fora d'ella,
e já pela limpeza em que o signata-
rio faz muito por caprichar.

Posto isto, o annunciante con-
fia em que o publico não deixará
de alluir aos seus supra-citados es-
tabelecimentos.

Guimarães 1 de junho de 1878.

Manoel do Couto Villas.

PAPEL DE CORES

Vende-se na redac-
ção d'este jornal muito
encorpado e de todas
as cores, a 180 reis ca-
da mão.

Banco Commercial de Guimarães

O dividendo do 1.º semes-
tre do corrente anno, na
rasão de 2 0/10 ou 1\$000 reis
por acção começa a pagar-se
do dia 8 do corrente em di-
ante, em Guimarães na the-
zouraria do Banco, no Porto
na Caixa Filial do mesmo e
em Braga na respectiva
agencia.

Guimarães 5 de julho
de 1878.

Pelo Banco Commercial de Gui.^{as}
Os directores,

José Maria da Costa
João Dias de Castro.

Prevenção

JOSE de Souza, vulgo o—
Serra,—do logar da Bou-
ça, freguezia de Santo Este-
vão de Urgez, previne o
publico de que não se respon-
sabilisa por qualquer contra-
cto ou transacção que faça
sua mulher Margarida Roza,
vulgo a—Chicha,—o que faz
publico para que de futuro se
não allegue ignorancia.

Guimarães 17 de julho
de 1878.

José de Souza.

GRANDE SORTIMENTO

DE

Calçado de todas as
qualidades

PARA homem, se-
nhoras e crianças,
especialidade em sap-
atos de luxo para trazer
por caza, ditos de liga,
courinho, etc., etc.

Vendem-se por pre-
ços commodos no novo
estabelecimento de cal-
çado e cabedades de Be-
nardo José da Silva,
rua de S. Damazo, Gui-
marães.

Dinheiro a juros

Ha 2.000\$000 para dar
a juros. Quem pretender fal-
lar nesta redacção.

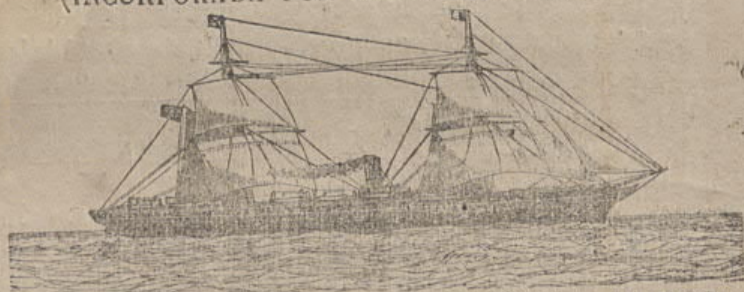
Em 13



Em 28

MALA REAL INGLEZA

(INCORPORADA POR CARTA REAL EM 1840)



LINHA QUINZENAL DE PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente Pernambuco Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.^a classe, com transbordo no Rio de Janeiro, para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco. PELO MESMO PREÇO QUE PARA O RIO DE JANEIRO

PAQUETES A SAHIR DE LISBOA:

ELBE.....	em 13 d'Agosto	GUADIANA...	em 28 de Setembro
MINHO.....	em 28 d'Agosto	NEVA.....	em 13 de Outubro
TAGUS.....	13 de Setembro	MONDEGO....	em 28 de Outubro

PREÇOS COMMODOS

Cada paquete d'esta Companhia leva a bordo criados e cosinheiros portuguezes para para commodidade dos passageiros de todas as classes.

Sendo as passagens pagas na Agencia Central no Porto ou em qualquer agencia provincial, a condução para Lisboa é por conta da Companhia.

Os passageiros com transbordo no Rio de Janeiro teem sustento e hospedaria gratuita durante a demora precisa para obter transbordo.

A bordo os passageiros teem gratis cama, roupa de cama, comida cosinhada por cosinheiros portuguezes, vinho duas vezes por dia, assistencia medica, serviço de criados e outras despesas.

A EXPERIENCIA de mais que um quarto de seculo tem feito com que os paquetes d'esta companhia (a mais antiga na carreira do Brazil) sejam conhecidos pela regularidade, velocidade e segurança excepcional; além d'isso pela limpeza, boa ordem, bom tractamento e accommodações a bordo, e pelos melhoramentos mais modernos tanto para a hygiene como para a commodidade dos passageiros.

ISTO É COMPROVADO pela grande concorrência que teem de passageiros e pelos innumerados agradecimentos que ha archivados em varias agencias.

SÃO ESTES OS PAQUETES preferidos pelo Governo Ingles para a condução das malas do correio, e por este serviço recebe a Companhia um importante subsidio.

TIVERAM ESTES AQUETES a honra de conduzir Suas Magestades o Imperador e Imperatriz do Brazil, como tambem S. A. o Infante D. Augusto.

TODAS AS INFORMACOES e bilhetes de passagem podem ser obtidos no PORTO na AGENCIA CENTRAL, rua dos Ingleses, 23, do agente GUILHERME C. TAIT; e nas provincias nas correspondencias estabelecidas em todas as principaes cidades e villas.

Para mais esclarecimento em Guimarães o illm.^o snr. JOÃO ANTONIO FERNANDES GUIMARÃES.

TYPOGRAPHIA

NA typographia d'este jornal fazem-se todos e quaesquer impressos que sejam encomendados, com a maior promptidão, nitidez e barateza, como são:

Facturas, lettras, talões para ferição, arrendamentos, ordens de pagamento, procurações particulares e judiciaes, cautellas, rotulos para garrafas ou frascos, cartas fúnebres, mappas, editaes, recibos, etc. etc.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(SEM ESTAMPILHA)

Por anno.....	2/800 réis
Por semestre.....	1/410 "
Por trimestre.....	1/220 "
Polha avulso ou supplemento.....	1/40 "

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção, rua Nova do Commercio n.^o 88. Toda a correspondencia deverá ser dirigida franca de porte ao proprietario Augusto dos Santos Guimarães, rua Nova do Commercio na mesma redacção. As correspondencias e publicações de interesse particular são pagas; não se publicando os escriptos que involvam responsabilidade, sem que estes venham competentemente legalizados. As publicações litterarias serão publicadas gratis, recebendo-se na redacção dous exemplares. Anuncios e correspondencias 30 réis por cada linha, repetição 20 réis. As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(COM ESTAMPILHA)

Por anno.....	3/200 réis
Por semestre.....	1/600 "
Por trimestre.....	1/800 "
Para o Brazil, (pelo paquete) por anno.....	7/000 "

N'esta typographia tambem ha cursivo para as cartas, bem como tinta azul, verde, vermelha, mordente para donnar ou pratear qualquer impresso.

N. P. Vende-se n'esta typographia lettras a 500 reis o cento

Excedendo a duzentas custa cada cento quatro centos reis. Tambem se vendem a vulto a 5 reis.

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.^a classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro, para SANTOS, PARAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco com transbordo no Rio de Janeiro e incluindo hospedario e sustento gratuito durante a demora para obter transbordo.

O paquete MONDEGO sahirá em 28 de Julho

ELBE sahirá em 13 d'Agosto

Para mais esclarecimentos dirijam-se a agencia central no Porto, rua dos Ingleses, 23—agente GUILHERME C. TAIT, e nas provincias e correspondencias nas principaes cidades e villas.

Para mais esclarecimentos em Guimarães o illm.^o snr. JOÃO ANTONIO FERNANDES GUIMARÃES.



VINHO
DO
ALTO DOURO
PREMIADO
NAS
EXPOSITOES





CASA
DE
VILLA POUCA
PREMIADO
NAS
EXPOSITOES

JOZE DO liveira encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho engarrafado (fora a garrafa)

Tinto de meza.....	150 réis	Moscateil.....	500 réis
Lagrima.....	200 réis	Vinho de 1854.....	600 réis
Tinto.....	190 réis	Roneon.....	700 réis
Tinto fino.....	210 réis	Vinho de 1825.....	1.000 réis
Vinho velho em prova secca.....	300 réis	Reserva de 1838 por garrafa.....	2.250 réis
Malvasia, segunda qualidade.....	360 réis	Bual de 1831.....	1.000 réis
Vinho velho.....	400 réis	Delicado de 1857.....	800 réis
Alvaralhão, superior.....	560 réis	Especial de 1862.....	600 réis
Bastardo velho.....	500 réis	erveja ingleza.....	410 réis
Malvasia primeira qualidade.....	500 réis	» Nacional.....	50 réis

A RETALHO:

Vinho de meza a 50, 60, 80, e 120 réis o quartilho do tinto e 120 réis do branco este armazem tem depositos: em Fafe, em casa do snr. Miguel Antonio Monteiro de ampos; em Vizella em casa do snr. João Teixeira Alves, na Lameira; nas Taipas, no hotel do snr. Villas; em Braga, em casa do snr. Bernardo José Fernandes Carneiro, rua do Souto n.^o 9; em Vianna do Castello, em casa do snr. José Antonio Gonçalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; no Porto, em casa do snr. F. G. ante gnt, rua de Santa Catarina; em Aveiro, em casa do snr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Agueda, em casa do snr. Victorino Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'este toda e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso alguém duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem afim de assistirem á otação dos ditos vinhos.